

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram publicadas).

277. "NÚMERO, FAZ FAVOR..."

Um acaso feliz propiciou-me há pouco o encontro no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo com a poetisa, pintora e compositora Lia Campos Ferreira, filha de Ernesto de Souza Campos, engenheiro e médico, com esplêndida folha de serviços à cultura de São Paulo e do Brasil. Nascido em Campinas em 1882, descendente de velhos troncos paulistas que remontam ao século XVI, pouco viveu em sua cidade natal. Foi na Capital que se realizou em toda a sua intensa existência. Diplomado pela Politécnica e pela Faculdade de Medicina, estudou na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos. Regressando ao Brasil, trabalhou em Manguinhos, vinculando-se depois à Faculdade de Medicina em que estudara, como professor catedrático, função que exerceu até à aposentadoria. Foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, precisamente no meu tempo de estudante, donde o relacionamento que com ele tive o privilégio de manter, especialmente anos mais tarde, quando de sua gestão na presidência do Instituto Histórico e Geográfico.

Deve-lhe o Instituto a construção da atual sede, o grande edifício da rua Benjamin Constant, que, a partir de agora, por deliberação recente da diretoria, deverá ter, mui merecidamente, o seu nome. Pertenceu à Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira nº 34, que teve como primeiro ocupante Basílio de Magalhães, que escolheu como patrono a Pedro Taques, o clássico historiador dos velhos troncos paulistas. Foi ministro da Educação e diplomata em missões especiais em vários países. A capital paulista ficou-lhe devendo a construção do monumental palácio da Faculdade de Medicina, à avenida Doutor Arnaldo, bem como o plano original da Cidade Universitária. Enfim, tantas outras coisas foi

Ernesto de Souza Campos, que esta coluna não comportaria o arrolamento de tudo.

Guardo dele excelentes recordações, que me foram avivadas pelo carinhoso livro que sua filha Lia lhe dedicou e que teve a gentileza de me oferecer no encontro no Instituto Histórico a que, de início, me referi. Livro que, tudo o indica, será seguido de um segundo volume, pois este primeiro alcança até a década de 30, tendo, portanto, muito a ser contado referente aos quase 40 anos que ainda viveu, pois faleceu em 1970.

Seu livro, tanto quanto uma biografia do pai, encerra preciosa reconstituição da vida de São Paulo, que a autora, nos seus tempos de menina-moça soube captar com muita felicidade. Quem o ler "tomará contato com um relacionamento humano frutificante, pois o passado é evocado com uma ternura lúcida", segundo registra uma nota da própria editora, colocada à "orelha" da capa. E diz com propriedade a autora que seu livro "retrata uma família paulista através de três gerações" e no qual a figura do homenageado é ressaltada "não só no ambiente familiar, como nos trabalhos que realizou".

Livro singelo, muito bem escrito e significativo em todos os seus momentos, a começar pelo título, evocando a forma de chamada telefônica que se usava antes dos aparelhos automáticos ("Número, faz favor?" E o pedido vinha logo a seguir: "Central 2508..."). Isto, numa época em que São Paulo tinha apenas três centros telefônicos, conhecidos por "Cidade", "Central" e "Brás". Qualquer pessoa que tenha vivido a época evocada pelo livro, na capital paulista, certamente nele "se encontrará" a todo instante, o que, aliás, aconteceu mesmo comigo, que não morava em São Paulo, mas visitava-a com frequência nas épocas de férias. Enfim, um dos bons livros de evocação da babilônica metrópole de hoje.

Tive o privilégio de privar por muito tempo com o filho único de Ernesto de Souza Campos, meu colega de turma na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, embora de cursos diferentes, ele Ciências Naturais, eu Geografia e História. Trabalhamos juntos numa experiência um tanto audaciosa, depois de formados, quando planejamos um ginásio modelo, cujo corpo docente seria constituído só de licenciados pela Faculdade Filosofia. Não havia ainda ambiente para isso em São Paulo. Mas, fomos teimosos e apesar de todo o nosso entusiasmo "demos com os burros n'água"... Todavia, ficou a lembrança do Ginásio Saldanha da Gama, à avenida Angélica. Faleceu muito moço o bom amigo e colega, cujo nome evoco com muita saudade: João Ernesto de Souza Campos. Agradeço à Dona Lia o privilégio que me propiciou a leitura de seu livro, e aguardo, pressuroso, o segundo volume, certamente o que registrará a parte mais rica de realizações de seu saudoso genitor. (12-3-1994)

278. COLEÇÃO QUE AINDA NÃO CONHECIA

Nada a estranhar nessa minha ignorância, pois a precariedade no intercâmbio de informações bibliográficas constitui um dos grandes obstáculos ao trabalho científico no Brasil. Afora o movimento das grandes editoras, as quais, naturalmente, dispõem de boa rede distribuidora, não se sabe em São Paulo o que se publica no Rio de Janeiro e vice-versa. Com relação a outros Estados, então, é ainda maior a dificuldade de intercâmbio ou sequer de informações. Cada vez que por eles viajo, descubro em suas livrarias um mundo de livros de cuja existência nem de longe suspeitava. E o mesmo certamente ocorrerá em São Paulo com os estudiosos de outros Estados. Eu próprio, que sempre me gabei de um razoável conhecimento da bibliografia referente a assuntos históricos brasileiros, freqüentemente sou posto à prova com o encontro de "novidades" muitas vezes já bem velhas. Durante muito tempo me considerei bom "rato" de livraria. Com o tempo, transformei-me em modesto "camundongo", que nem de longe tem o faro de tantos pesquisadores que conheço.

E quando se trata de publicações oficiais, aí, então, não há "rato" por mais farejador que seja que consiga descobri-las. Triste sina, aliás, no Brasil, a das publicações oficiais. Raramente sendo posta à venda a não ser pelos "sebos" depois que se tornam raridades, ninguém as consegue se não for amigo do autor ou tiver ligação muito estreita com as entidades que as publicam. Seus critérios de distribuição, ninguém os conhece. E por mais que se fale, se escreva, se apele, nada se modifica. Não fora esse conhecimento pessoal a que me referi, jamais tomaria conhecimento da existência, nestes últimos anos, de algumas das mais importantes coleções de interesse para os estudos históricos em nosso país.

Vieram-me à mente essas considerações, ao receber, graças à gentileza de Mário Barata, meu nobre confrade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o volume **Bicentenário de Tiradentes**, reunindo conferências e estudos alusivos à efeméride há pouco comemorada do bicentenário da Inconfidência Mineira, de renomados cultores de nossas letras históricas, como Vicente Tapajós, Carlos Wehrs, Américo Jacobina Lacombe, Waldemar de Almeida Barbosa e o próprio Mário Barata, que me ofereceu o volume, muito bem impresso, elegante, cômodo e bem apresentado. Surpreendeu-me verificar que já consistia no sétimo volume de uma coleção denominada precisamente "Tiradentes", planejada e realizada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, para comemorar a efeméride bicentenária.

Excelente iniciativa a enriquecer nossos conhecimentos sobre tema tão querido de todos nós, embora nem todos os volumes, dos nove até agora editados, se refiram ao tema implicado no título, porém versando todos assuntos de interesse para a história fluminense.

O volume que tive o privilégio de receber por gentileza do ilustre amigo e confrade do Rio de Janeiro reúne as seguintes palestras proferidas no Palácio Tiradentes: "Tiradentes, o homem e o herói" (Vicente Tapajós), "Tiradentes e o Rio de Janeiro" (Carlos Wehrs), a "A Inconfidência e a idéia de República" (Américo Jacobina Lacombe). Incluem-se no volume dois excelentes estudos, um sobre Inácio José de Alvarenga, "inconfidente nascido no Rio de Janeiro", de Mário Barata, e outro, oportuno comentário crítico ao conhecido livro **A Devassa da Devassa**, do "brasilianista" Kenneth Maxwell, pelo historiador mineiro e grande estudioso da Inconfidência, Waldemar de Almeida Barbosa.

Sem negar mérito ao autor norte-americano ("A visão do século XVIII, que apresenta, com levantamento social da época, torna valioso o seu trabalho, sem dúvida alguma"), mostra as numerosas falhas em que incorreu, decorrentes, ao que parece, de sua pouca familiaridade com a fonte mais preciosa para a Inconfidência, que são os "Autos de Devassa".

É esta a "coleção que ainda não conhecia", aludida no título deste "rabisco". Registro com prazer que é a segunda vez (salvo alguma eventual omissão de minha parte) que vejo entre nós um Legislativo Estadual interessado em assuntos dessa natureza. A primeira, foi com o Legislativo de Santa Catarina, que há alguns anos publicou excelente coleção, também com nove volumes, todos relativos à história catarinense. Infelizmente, não teve prosseguimento. Nada posso adiantar com referência à coleção fluminense que venho de registrar, pois não há, no único volume que dela conheço, qualquer indicação quanto ao seu programa. Espero que prossiga. A história fluminense é muito rica e há muita coisa à espera de reedição. Além dos estudos novos, é claro. (16-4-1994)

★

279. JESUÍTA IRLANDÊS NO BRASIL COLONIAL

"Não é muito o que se sabe da vida de Ricardo Fleckno, o jesuíta irlandês do século XVII, que foi homem de letras e viajante assaz conhecido". Assim começa Afonso de Taunay o capítulo que lhe dedicou em seu valioso livro **Visitantes do Brasil colonial**, publicado há mais de 60 anos (1933), como um dos primeiros volumes da preciosa coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional. Frase aparentemente contraditória, pois se foi homem de letras e viajante "assaz conhecido", não parece normal serem tão escassas as informações sobre ele. É verdade que nem todas as fontes são concordes quanto às datas balizas de sua

existência. Acredita-se, entretanto, que tenha vivido entre 1600 e 1678. E autores há, ainda, que põem em dúvida até sua qualidade de sacerdote jesuíta.

Embora autor prolífico (peças de teatro, biografias, poesias e até um estudo sobre a época de Cronwell), Fleckno (ou Flecknoe, como, às vezes seu nome aparece grafado), é lembrado hoje pelos relatos das viagens que empreendeu. Esteve na Bélgica, na Turquia, em Roma, em Portugal e no Brasil, visitando nosso país no ano de 1648.

Seu livro de viagens foi publicado sem data, mas acredita-se seja de 1654 ou 1655. Paulo Berger, que se inclina pela primeira data, aponta-nos uma segunda edição, aparecida dez anos mais tarde, com idêntica paginação, apenas com outra página de rosto e título ligeiramente modificado.

O livro de Flexkno trazia título "muito de acordo com o esparramado feito do tempo", no dizer de Taunay: **Relação de dez anos de viagem na Europa, Ásia, África e América, tudo por meio de cartas ocasionalmente escritas de lugar em lugar, a diversas personalidades fidalgas, e continuadas até o ano atual, por Ricardo Fleckno, com diversas outras peças históricas, morais e poéticas do mesmo autor.** Espécie de "miscelânea itinerário-histórico-moral-poética" (ainda no dizer de Taunay), solenemente protegida por um dístico virgiliano constante da Eneida: "Haec olim meminisse juvabit", palavras com que Enéias procura consolar seus companheiros de viagem após o infortúnio de uma tempestade: "Talvez algum dia sintamos prazer em recordar estas coisas".

Dizem os especialistas em bibliografia estrangeira sobre o Brasil que o livro de Fleckno é de extrema raridade, não se conhecendo senão o exemplar do Itamarati, que pertenceu ao Barão do Rio Branco. Entretanto, o livro vale mais como curiosidade. As informações sobre nosso país pecam pela falta de exatidão, dando a impressão de autor um tanto ingênuo, que acreditava em tudo quanto lhe contavam. E nunca faltou, no Brasil, espertalhões para tapear os estrangeiros crédulos. Mas, é claro, apresenta algumas observações interessantes, particularmente sobre o Rio de Janeiro, sendo mesmo, ao que se supõe, o primeiro livro de autor inglês a descrever nossa antiga capital.

Graças a Afonso de Taunay, dispomos de uma tradução integral, da parte relativa ao Brasil, do curioso livro, pois, ao contrário do que costumava fazer com os demais viajantes antigos, aos quais simplesmente resenhava, o grande historiador, no caso do jesuíta irlandês, preferiu traduzir, apenas com ligeiros comentários, o que constava do livro. Encontra-se essa tradução no já mencionado **Visitantes do Brasil colonial**.

Finalmente, uma curiosidade. Caído no esquecimento, Fleckno só mais de um século após sua morte, começou a ser reabilitado na Inglaterra. E entre

os paladinos dessa reabilitação figurou Robert Southey, o conhecido autor de uma das maiores obras sobre nossa história. (7-5-1994)

★

280. O PADRE JOÃO MANUEL DO CENTENÁRIO DE SEU LIVRO

Os que conhecem a cidade de São Paulo sabem da existência, ali, de uma importante rua em cujas placas se inscreve o nome do "Padre João Manuel". Apenas assim, sem o sobrenome, que é como ele se tornou conhecido. Inicia-se na avenida Paulista e numa extensão de quase dois quilômetros, alcança o Jardim América. Se perguntarmos aos milhares de transeuntes que diariamente sobem e descem pela importante artéria acerca de seu patrono, não sei quantos saberiam responder. Com efeito, anda esquecido o padre João Manuel de Carvalho. Teve uma certa notoriedade, como o prova a escolha de seu nome para uma das ruas do novo bairro paulistano que se formou no início deste século.

Natural do Rio Grande do Norte, teve atuação destacada, menos como sacerdote do que como político e jornalista nos últimos anos do império. Militou no Partido Conservador representando sua província na Câmara Imperial. Desiludido com a monarquia, tornou-se republicano de uma maneira espetacular e até acintosa, dando um brado de "Viva a República" em pleno Parlamento, num dos momentos mais solenes da vida imperial, precisamente quando tomava posse o gabinete Ouro Preto, o último da monarquia, em 11 de junho de 1889. Gabinete que durou apenas cinco meses, pois sua queda em 15 de novembro daquele ano implicou a queda da própria monarquia, com a proclamação da República.

Mas, assim como se desiluiu com a monarquia, desencantou-se também com a república. Abandonando a política, decidiu retornar às funções sacerdotais, sendo-lhe dada a paróquia de Amparo. Ao fixar-se aí, levava já uma excelente experiência jornalística, pois dirigira dois importantes jornais do Rio de Janeiro. Em Amparo, passou a dirigir o "Correio Amparense" e em suas páginas pôs-se a publicar suas **Reminiscências sobre vultos e fatos do Império e da República**, cerca de 60 crônicas que posteriormente reuniu em livro com esse mesmo título, editado em Amparo, em 1894, portanto há um século.

As **Reminiscências** do famoso sacerdote jamais foram reeditadas. Constituem hoje livro bastante raro e extremamente importante para se conhecer o "clima" dos últimos anos do Império e primeiros da República. Não duvidaria mesmo em considerá-lo das mais importantes peças de nossa bibliografia política.

Bem mereceria o curioso livro - às vezes sarcástico, outras vezes sério e não raro violento de um político desiludido com os homens e com o sistema que passou a imperar no Brasil - bem mereceria, dizia, uma reedição, agora que algumas editoras estão empenhadas em reeditar páginas de nossa literatura política. A celebração, há pouco, do centenário da República, teria sido uma feliz oportunidade. E mais feliz, ainda, será a ocorrência, neste ano, do centenário da publicação do livro.

Após alguns anos de residência em Amparo, o padre João Manuel retornou ao Rio de Janeiro, onde faleceu em 1899, com menos de 60 anos, pois nascera em 1841. Afirmei, de início, que o ilustre político, sacerdote e jornalista anda esquecido. Prova-o o fato de nenhum dos mais renomados catálogos bibliográficos publicados ultimamente mencionar o seu nome: nem o **Dicionário de Literatura Brasileira**, de Raimundo de Menezes, nem, mais recente ainda, a **Enciclopédia da Literatura Brasileira**, publicada por Afrânio Coutinho. A única obra de referência que o cita é a **Enciclopédia Delta-Larousse**. E considere-se que com suas centenárias **Reminiscências**, teve o padre João Manuel seu nome eclipsado como sacerdote e como político, para, em lugar deles, salientar-se o jornalista e cronista, que acabou trazendo assinalada contribuição à historiografia do período em questão. (23-5-1994)

*

281. TAUNAY E JOSÉ MAURÍCIO

Narra o Visconde de Taunay numa de suas páginas de reminiscências que foi na estréia parlamentar como deputado pela província de Góias, em 1872, que pela primeira vez ouviu falar no Padre José Maurício Nunes Garcia. Impressionou-se ele com a beleza da composição ouvida na cerimônia de abertura do ano parlamentar. Pareceu-lhe algo à maneira de Haendel, Haydn ou Mozart. Tratou de indagar de seu autor. As primeiras pessoas a quem perguntou nada souberam lhe informar. Mas, encontrou logo quem, corretamente, lhe dissesse o nome do compositor. Pôs-se Taunay a indagar mais: se a obra se encontrava impressa, se era possível adquiri-la, etc.. Foi quando ouviu, estupefacto, de seu interlocutor, que nada, absolutamente nada havia impresso do autor. E ainda rematou: "É assim que o Brasil cuida de suas glórias... escrever obras primas para serem apreciadas apenas pelos cupins e pelas traças..." E conclui Taunay suas reminiscências: "Foi a primeira vez que ouvi falar de José Maurício Nunes Garcia".

Pois bem: essa primeira vez serviu de estímulo para que o então jovem parlamentar nos quase vinte anos em que teve destacada atuação política, se

dedicasse com todo o empenho a uma louvável tarefa em prol do reconhecimento dos méritos do compositor que pela primeira vez ouvira naquele dia para ele tão significativo, de sua entrada para o Parlamento.

Muito e muito falou e escreveu até ao final de sua vida, sobre o compositor carioca, nascido em 1765 e falecido em 1830. Tudo quanto falou e escreveu encontra-se reunido em dois volumes póstumos publicados em 1930, precisamente quando transcorreu o centenário do falecimento do grande padre-compositor. Neles, encontramos a biografia, a apreciação de sua obra e, principalmente, o registro dos esforços que precisou despende o compositor para firmar-se num ambiente tão hostil e de tanta inveja como aquele em que atuou, a princípio na corte de D. João VI e, depois, na de D. Pedro I.

Empenhou-se muito Taunay, entre outras coisas, para que, pelo menos, se procedesse a um levantamento tão completo quanto possível do legado do compositor. Pois nem isso foi feito. Tivemos que esperar quase cem anos para que se concretizasse a proposta de Taunay. Com efeito, foi só em 1970 que, graças aos esforços da ilustre regente e musicóloga Cleofe Person de Matos, diretora da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro, se publicou, oficialmente, o catálogo temático da produção mauriciana.

Atualmente, o ouvinte interessado poderá dispor de várias obras de José Maurício, em excelentes gravações. Cremos mesmo que as mais significativas, como duas ou três missas, diversos motetes, o Réquiem que compôs para os funerais da rainha D. Maria I (certamente sua obra prima) e ainda algumas páginas expressivas de música secular. É pouco, realmente, diante do catálogo imenso levantado pela professora Cleofe Person de Matos, mas, sem dúvida, suficiente para que se possa aquilatar do valor da obra do compositor carioca, ou fluminense, como na época se dizia.

E hoje dispõe, ainda, o estudioso de obras mais completas e mais analíticas que as de Taunay. Mas, é sempre de justiça recordar um pioneirismo que, tal como o de Araújo Porto Alegre, quase da mesma época, testemunha um evidente esforço para o regaste da memória história e artística de nossa terra. (21-5-1994).

★

282. VALIOSO TEXTO SOBRE O PASSADO PAULISTA

Não são comuns no Brasil, ao contrário, são até bastante raros, escritos de homens de governo. Mais afeitos a agir que a refletir, não tendo muitas vezes a

base necessária para empreendimentos culturais de qualquer natureza, nem seria mesmo de se esperar que nossos administradores, especialmente os do período colonial, se preocupassem em passar para o papel tudo quanto pudesse despertar-lhes o interesse ou que constituísse objeto de estudo mais meditado para que os pósteros deles pudessem ter melhor idéia.

De vez em quando, todavia, surgem algumas exceções, e quando isso ocorre apressam-se historiadores e pesquisadores em tirar dessas fontes raras o máximo possível, lamentando quase sempre que isso não ocorra com maior freqüência. Um desses casos de verdadeira exceção encontramos no último governador ("capitão-general", na linguagem da época) de São Paulo no século XVIII, Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, que tomou posse de seu cargo a 28 de junho de 1797, nele permanecendo até 10 de dezembro de 1802, quando o passou a Antônio José da Franca e Horta.

No conceito de Afonso de Taunay, era Melo Castro "homem ilustrado, progressista, de trato ameno, autoridade real e branda", figurando com vantagem na galeria dos que governaram a terra paulista, desde a criação da capitania de São Paulo, em 1709. Ficara Melo Castro conhecido pelo apelido de "Pilatos", parece que do hábito que tinha de estalar as juntas dos dedos, costume que a tradição atribuía ao famoso procônsul romano da Judéia nos tempos de Cristo.

Melo Castro foi dos poucos chefes do governo dos tempos coloniais que deixaram alguma coisa escrita. Além de mandar elaborar preciosa série de quadros estatísticos, comentados por Taunay em seus **Estudos de história econômica e financeira**, redigiu o governador duas valiosas memórias, uma delas destinada a servir ao seu sucessor, para que este tivesse uma noção mais exata da terra que vinha governar. A outra, sem destinação aparente, inclui-se entre as melhores fontes para o conhecimento da capitania paulista na conjuntura de transição marcada pelos últimos anos do século XVIII.

A realização em Franca, há mais de dez anos, de uma semana de estudos históricos promovida pela unidade da Unesp sediada naquela importante cidade, propiciou-nos o ensejo para uma análise pormenorizada dos escritos do último governador paulista setecentista. Tivemos o prazer de vê-la publicada nos anais da reunião francana.

No que então escrevemos, procuramos mostrar não só as inúmeras sugestões que os escritos de Melo Castro oferecem aos estudiosos da história de São Paulo, como lembramos que eles não devem ser considerados documentos isolados. Devem ser apreciados num contexto mais amplo, como reflexo de uma mentalidade nova que, a partir da era pombalina, começou a dominar no Estado lusitano no que se refere ao seu relacionamento com o Brasil, e que a reação determinada pela subida ao trono de Dona Maria I não foi suficiente para modificar de todo.

E sugerimos não apenas um melhor aproveitamento desses textos, como, ainda, a pesquisa em torno de textos semelhantes porventura existentes em outras regiões do Brasil, para que se tenha um conhecimento bem mais amplo, pois que multiforme, da situação do país naquele momento tão importante de sua evolução, como que preparatório ao novo papel que o Brasil iria desempenhar a partir de 1808, quando se torna sede da monarquia portuguesa.

Os escritos de Melo Castro podem ser lidos nos volumes XV e XVIII dos "Anais do Museu Paulista", 1961 e 1964, respectivamente, onde permanecem à espera de que alguma editora ou instituição se anime a publicá-los em livro. 25-6-1994.